

Vencedora do Prémio Internacional Man Booker

OLGA TOKARCZUK

CONDUZ
O TEU ARADO
SOBRE
OS OSSOS
DOS MORTOS

«Uma entre os poucos
assinaláveis romancistas europeus
a surgirem neste século.»

The Economist



cavalo de ferro

1
E, AGORA, TENDE CUIDADO!

*Certa vez, tendo escolhido um Caminho perigoso,
um Homem justo caminhou com Humildade
pelo Vale da Morte.*

Já atingi uma idade e, além disso, um estado em que, antes de me deitar, devia lavar muito bem os pés, no caso de uma ambulância ter de me levar durante a Noite.

Se, naquela noite, tivesse consultado as *Efemérides* para saber o que se passava no céu, não teria mesmo ido para a cama. Mas, em vez disso, caí num sono profundo, com a ajuda de um chá de lúpulo, que acompanhei com dois comprimidos de valeriana. Por isso, quando a meio da Noite alguém me acordou, batendo à porta violenta e exageradamente – sinal de mau agouro –, não fui capaz de recuperar a consciência de imediato. Saltei da cama e pus-me de pé, hesitante, porque ensonada. O corpo alvoroçado não era capaz de pular do sono inocente para a realidade. Senti-me tonta e cambaleei, como se estivesse prestes a perder os sentidos. Por infortúnio, isto acontece-me ultimamente e tem a ver com as minhas Maleitas. Tive de me sentar e repetir a mim mesma, várias vezes: estou em casa, é de Noite, está alguém a bater à porta. Somente assim consegui controlar os nervos. Enquanto procurava os chinelos às escuras, ouvia a pessoa, que antes batera à porta, andando em redor da casa e murmurando de si para si. Lá em baixo,

no nicho dos contadores da electricidade, tenho uma embalagem de gás paralisante que Dionizy me deu por causa dos caçadores furtivos e, naquele momento, foi precisamente dela que me lembrei. Lá consegui tactear a lata fria do pulverizador na Escuridão, e, assim armada, acendi a luz do exterior e espreitei pela janelinha lateral para ver o alpendre. A neve estralejou e, diante de mim, apareceu o meu vizinho, a quem eu chamo Bicho-Papão ou simplesmente Papão. Segurava com as mãos nas ancas as abas do seu casaco de carneira, o mesmo com que eu costumava vê-lo a trabalhar em redor da casa. Debaixo da carneira, viam-se as pernas de umas calças de pijama às riscas e umas botas pesadas de montanha.

– Abre! – exclamou.

Sem dissimular o espanto, lançou um olhar ao meu fatinho estival de linho (durmo com aquilo que o casal de Professores deitou fora no Verão e que me faz lembrar uma moda antiga e os meus anos de mocidade – desta maneira, ligo o Útil ao Sentimental) e, sem cerimónias, entrou na minha casa.

– Faz o favor de te vestires, o Pé Grande morreu.

Com o choque, fiquei por instantes sem palavras e foi em silêncio que calcei as botas altas de neve e enfiei o primeiro casaco polar que me veio à mão entre os que estavam pendurados no bengaleiro. Lá fora, a neve caía e, trespassada pelo halo de luz proveniente do candeeiro do alpendre, transformava-se num chuveiro vagaroso e sonolento. O Papão, estacado ao pé de mim em silêncio, alto, magro e ossudo, parecia uma silhueta esboçada com meia dúzia de traços a lápis. A cada movimento, a neve caía dele como o açúcar em pó cai das filhoses polvilhadas.

– O que queres dizer com «morreu»? – perguntei-lhe, enfim, com um nó na garganta, abrindo a porta, mas o Papão não respondeu.

De uma maneira geral, não é homem de muitas falas. Deve ter Mercúrio no signo mudo – aposto que em Capricórnio ou, talvez, na conjunção, no quadrado ou, quiçá, em oposição a Saturno. Também podia ser Mercúrio na retrogradação, o que dá origem a um carácter reservado.

Sáimos de casa e logo fomos fustigados por um ar húmido e frio, bem nosso conhecido, que todos os Invernos, nos lembrava que o mundo não fora criado para o Homem e, pelo menos durante meio ano, nos mostrava o quão era para nós hostil. O ar gélido tomava de assalto as nossas faces, enquanto as nossas bocas expeliam nuvens brancas de vapor. A luz do alpendre apagou-se automaticamente e nós caminhamos pela neve que estralejava na Escuridão absoluta, sem contar com a lanterna colocada na testa do Papão, que perfurava as trevas diante de si, à medida que avançava. Eu seguia atrás dele na Escuridão.

– Não tens lanterna? – perguntou-me.

Claro que tinha, mas onde é que estava? Isso, só amanhã de manhã poderia sabê-lo, à luz do dia. É sempre assim com as lanternas: só se vêem durante o dia.

A casa do Pé Grande ficava um pouco afastada; situava-se ligeiramente mais acima das restantes casas. Era uma das três habitadas durante todo o ano. Só ele, o Papão e eu morávamos aqui sem temer o Inverno. A partir de Outubro, os outros habitantes fechavam hermeticamente as suas casas, deixavam escorrer a água das canalizações e regressavam às suas cidades.

A seguir, saímos do caminho onde a neve fora mais ou menos removida, um caminho que atravessa a nossa povoação e se ramifica em veredas conducentes às diversas casas. O caminho que nos levava até à casa do Pé Grande era um trilho pisado sobre uma grossa camada de neve, tão estreito, que era preciso colocar um

pé diante do outro e esforçarmo-nos por manter constantemente o equilíbrio.

– Não vai ser bonito de ver – avisou o Papão, virando-se para mim e, por instantes, encandeando-me por completo.

Eu não estava à espera de outra coisa. Ele quedou-se calado uns momentos e, depois, disse como quem quer justificar-se:

– Foi a luz na cozinha dele que me deixou inquieto, e os latidos da cadela, tão desesperados. Não ouviste nada?

Não, não ouvira nada porque dormia, atordoada com o lúpulo e a valeriana.

– E onde está agora essa Cadela?

– Tirei-a daqui, levei-a para minha casa, dei-lhe de comer e acho que se acalmou.

O silêncio instalou-se de novo.

– Ele costumava deitar-se cedo e apagava sempre a luz, para poupar electricidade. Desta vez, ficou acesa, lançando um feixe sobre a neve que se via da janela do meu quarto. Foi por isso que fui até à casa dele. Pensei que talvez se tivesse embebedado ou que estivesse a fazer mal ao cão, que uivava daquela maneira.

Passámos pelo celeiro em ruínas e, logo a seguir, a lanterna do Papão descobriu na Escuridão dois pares de olhos cintilantes, esverdeados e fluorescentes.

– Olha, Corças! – exclamei, com um sussurro de excitação, agarrando-o pela manga da carneira. – Estão muito próximas da casa dele. Não têm medo?

As Corças, ali estacadas, tinham neve até quase à barriga. Olhavam para nós com tranquilidade, como se as tivéssemos apanhado no decurso de um ritual, cujo sentido não éramos capazes de descortinar. Estava escuro e, por isso, eu não conseguia identificar se eram as mesmas Senhoritas que ali tinham chegado da República

Checa no Outono passado, ou se eram outras. E, na verdade, por que razão seriam só duas? As outras eram, pelo menos, quatro.

– Vão para casa – incitei-as, abanando as mãos.

Estremeceram, mas não se mexeram. Seguiram-nos calmamente com o olhar até à porta. Um arrepio atravessou-me o corpo.

Entretanto, o Papão, batendo com os pés no chão, sacudiu a neve das botas em frente à porta do casebre arruinado do Pé Grande. As janelinhas pequenas estavam tapadas com plástico e papel, e a porta de madeira estava coberta com uma tela de alcatrão.

Junto às paredes do vestíbulo, amontoava-se lenha para a lareira, pedaços de madeira irregulares. Era um espaço desagradável – o que mais poderia dizer-se?... Sujo e descuidado. Por todo o lado sentia-se o cheiro a mofo, madeira e terra, húmido e voraz. O fedor do fumo, acumulado ao longo dos anos, instalara-se nas paredes com uma camada gordurosa.

A porta da cozinha estava entreaberta e eu vi, de imediato, o corpo do Pé Grande, caído no chão. Mal o meu olhar tocou nele, logo se desviou. Demorei algum tempo até conseguir de novo olhar para o seu corpo. Era uma visão aterradora.

Estava deitado no chão, torcido, numa posição bizarra, com as mãos agarradas ao pescoço, como quem tenta arrancar um colarinho apertado. Devagarinho, fui-me aproximando, como que hipnotizada. Vi os seus olhos abertos e fixos algures sob a mesa. A camisola interior suja estava rasgada junto à garganta. Dava a ideia de que o corpo havia lutado contra si mesmo e que, vencido, sucumbira. Perante o Horror daquela cena, fiquei com frio, e o sangue congelou-se-me nas veias, parecendo que se evadira para as profundezas mais recônditas do meu corpo. Ainda ontem tinha visto aquele corpo, vivo.

– Meu Deus – balbuciei. – O que terá acontecido?

O Papão encolheu os ombros.

– Não consigo telefonar para a polícia... Para variar, só apanho a rede checa.

Tirei do bolso o meu telemóvel, marquei o número que conhecia da televisão – 997 – e, daí a pouco, no meu aparelho, ouviu-se uma voz checa automática. Pois é, as coisas aqui são assim. A cobertura deambula, sem levar em consideração as fronteiras entre os países. Há dias em que a fronteira entre os operadores se detém prolongadamente na minha cozinha. Mas também já aconteceu ter-se instalado vários dias junto à casa do Papão, ou no seu terraço, sendo difícil prever as oscilações de um tal carácter quimérico.

– Teria sido preciso sair de casa e subir a encosta até lá acima – sugeri tardiamente.

– Quando chegarem, já o corpo estará rígido – disse o Papão, naquele tom onisciente de que eu não gostava nada. Despiu a carneira e colocou-a nas costas de uma cadeira. – Não podemos deixar o corpo assim sem mais nem menos. Tem um aspecto horrível e, afinal de contas, era o nosso vizinho.

Quedei-me a olhar o pobre corpo retorcido do Pé Grande, e custava-me acreditar que ainda ontem sentira medo daquele Homem. Não gostava dele. Dizer que não gostava dele é pouco. Devia antes dizer que era, para mim, asqueroso, horrível. No fundo, nem sequer o considerava um Ser humano. Agora, estava ali deitado num chão cheio de nódoas, com a roupa interior imunda, pequeno e magro, impotente e inofensivo. Qual pedaço de matéria que, em resultado de transformações dificilmente imagináveis, se tornara um ser frágil, de tudo o mais alheado. Fiquei triste, terrivelmente triste, porque mesmo alguém tão repugnante como ele não merecia morrer assim. E quem é que o merecia? A mim

espera-me o mesmo destino, e ao Papão também, e ainda àquelas Corças lá de fora. Todos seremos, um dia, nada mais do que apenas um corpo morto.

Olhei para o Papão em busca de algum consolo, mas ele já estava ocupado a fazer a cama amarrotada, ou melhor, a endireitar o emaranhado de lençóis do sofá-cama desengonçado. Por isso, tive de me consolar a mim própria em pensamento. Ocorreu-me, então, que a morte do Pé Grande podia ser, em certa medida, uma coisa boa. Libertara-o da desordem que era a vida dele. E libertava ainda outros Seres vivos dele próprio. Oh, sim, subitamente dava-me conta de que a morte podia ser uma coisa boa e justa, como um desinfetante ou um aspirador. Admito-o — foi mesmo o que pensei, e continuo a pensar assim.

Era meu vizinho; as nossas casas estavam separadas por não mais do que meio quilómetro, mas eu dava-me pouco com o Pé Grande. Felizmente. Via-o antes à distância — uma figura pequena e rija, sempre um pouco vacilante, em movimento no pano de fundo da paisagem. Andava e balbuciava de si para si e, às vezes, a acústica ventosa do Planalto trazia até mim farrapos do seu monólogo que, no fundo, era simples e monótono. O seu vocabulário era sobretudo composto por imprecações, às quais acrescentava apenas nomes próprios.

O Pé Grande conhecia cada pedacinho de terra das redondezas, pois, ao que parece, nasceu aqui e nunca foi mais longe do que Kłodzko. Também conhecia muito bem a floresta — sabia o que poderia render-lhe dinheiro e que coisa poderia vender a quem. Cogumelos, bagas, madeira roubada, lenha para fogueiras, armadilhas de corda, a corrida anual de carros todo-o-terreno, a caça. A floresta era a subsistência daquele pequeno gnomo. Por isso, ele deveria respeitar a floresta; mas não a respeitava. Certa vez,

em Agosto, durante um período de seca, pegou fogo a toda uma área de mirtilos. Telefonei logo para os bombeiros, mas não conseguiram salvar grande coisa. Nunca soube por que razão ele fez isto. No Verão, andava com uma serra pelas imediações e abatia árvores saudáveis, cheias de seiva. Quando o chamei polidamente à atenção, respondeu-me, contendo a Ira com dificuldade e de modo grosseiro: «Vai passear! Raio da velha!» Só que usou palavras bem piores. Ganhava dinheiro extra roubando coisas aqui e ali, recolhendo e trapaceando outras. Quando os lenhadores deixavam no exterior lanternas ou tesouras de poda, o Pé Grande logo aproveitava a ocasião para tudo arrecadar e, depois, converter em dinheiro algures na cidade. Em minha opinião, já lhe deviam ter dado algum Castigo há muito tempo ou, então, já devia ter ido parar à cadeia. Não sei como era possível fazer tudo aquilo e ficar impune. Talvez ele fosse protegido por anjos-da-guarda. Às vezes, acontece-lhes ficar do lado errado.

Eu sabia ainda que ele era caçador furtivo de todas as maneiras possíveis e imaginárias. Tratava a floresta como propriedade sua — tudo ali lhe pertencia. Era um homem do tipo saqueador.

Por causa dele, passei várias Noites sem dormir, tomada por um sentimento de impotência. Telefonei muitas vezes para a Polícia. Quando, por fim, atendiam a chamada, registavam amavelmente a minha participação, mas depois nada mais acontecia. O Pé Grande punha-se de novo a caminho, com um monte de armadilhas de corda e arame sobre os ombros, soltando gritos aziagos. Tal como um pequeno deus malfazejo. Malicioso e imprevisível. Estava sempre levemente bêbedo e talvez fosse isso o que nele despertava aquele mau humor. Murmurava de si para si e batia nos troncos das árvores com um pau, como se quisesse afastá-las do seu caminho. Parecia ter nascido já naquele estado de ligeiro embrutecimento.

Fui atrás dele muitas vezes, seguindo as suas pegadas com a finalidade de recolher as armadilhas primitivas feitas de arame para caçar Animais, bem como as cordas em laço atadas a árvores jovens, curvadas de tal modo que o Animal capturado se içava como se tivesse sido disparado de uma fisga, ficando suspenso no ar. Às vezes, encontrava Animais mortos – Lebres, Texugos e Corças.

– Temos de o colocar no sofá-cama – disse o Papão.

Não gostei nada da ideia. Não gostei da ideia de ter de tocar nele.

– Acho que devíamos esperar pela Polícia – retorqui.

Mas o Papão, de mangas arregaçadas, já estava a preparar o sofá. Lançou-me um olhar penetrante com aqueles seus olhos claros.

– Acho que tu se calhar também não ias gostar que te encontrassem assim. Neste estado. Seria desumano.

Oh, sim, com certeza! O corpo humano é inumano. Principalmente quando está morto.

Não estaríamos, então, diante de um paradoxo sombrio, ao termos de lidar com o corpo do Pé Grande, que nos deixara mais um problema? A nós, seus vizinhos, a quem não respeitava, de quem não gostava e por quem não nutria qualquer consideração.

Em minha opinião, depois de se Morrer, o corpo deveria desmaterializar-se. Seria a solução mais adequada. Os corpos desmaterializados regressariam assim directamente para os buracos negros de onde tinham saído. As almas viajariam com a velocidade da luz até à luz. Se é que existe uma coisa como a Alma.

Superando uma resistência monstruosa, fiz o que o Papão me pedia. Agarrámos no corpo pelos braços e pelas pernas, e transportámo-lo para o sofá. Para minha surpresa, constatei que o corpo era pesado e que de modo algum parecia inerte, antes teimosamente rígido, tão desagradável como os lençóis engomados

recém-chegados da engomadoria. Também vi umas peúgas ou algo que fazia as suas vezes nos pés dele – uns trapos imundos, meotes feitos de tiras rasgadas de um lençol, agora cinzentas e manchadas. Não sei porquê, mas a visão daqueles meotes atingiu-me em pleno no peito, no diafragma, em todo o corpo, ao ponto de não conseguir mais conter um soluço. O Papão olhou para mim fria e fugazmente, em sinal de censura.

– Temos de o vestir antes que cheguem – disse o Papão, e percebi que também ele tinha o queixo a tremer, só de ver aquela miséria humana (embora por alguma razão não quisesse admiti-lo).

Em primeiro lugar, tentámos tirar-lhe a camisola interior, imunda e malcheirosa, mas não havia maneira de ela sair pela cabeça. Foi então que o Papão sacou da algibeira um complicado canivete e começou a cortar o tecido a partir do peito. O Pé Grande jazia agora seminu no sofá-cama diante de nós, peludo como um trol, com cicatrizes no peito e nas mãos, tatuagens já irreconhecíveis, nas quais eu não era capaz de identificar nada que fizesse sentido. Conservava os olhos ironicamente entreabertos, enquanto nós procurávamos no armário desengonçado algo decente para lhe vestir, antes que o corpo ficasse rígido para sempre e voltasse a ser aquilo que sempre fora – um torrão de matéria. As cuecas rasgadas saíam-lhe das calças de fato de treino prateadas e novinhas em folha.

Descalcei-lhe aquelas peúgas asquerosas e vi-lhe os pés. Fiquei estarecida. Sempre tive a impressão de que os pés são a parte mais íntima e pessoal do nosso corpo, e não os órgãos genitais, ou o coração, ou até o cérebro, órgãos sem um significado essencial, mas altamente valorizados. É nos pés que se esconde todo o saber sobre o Homem; é aí que se concentra o profundo sentido daquilo que realmente somos e do modo como nos relacionamos com a terra. É no tocar a terra, quando o corpo entra em contacto com a

terra, que reside todo o mistério – somos constituídos por elementos da matéria, mas somos-lhe simultaneamente estranhos e estamos separados dela. Os pés são as nossas fichas que enfiamos nas tomadas. E agora aqueles pés eram para mim a prova da singular proveniência do Pé Grande. Não podia ser um Homem. Devia antes ser uma daquelas formas sem nome, uma daquelas que – tal como diz Blake – derretem os metais no infinito e transformam a ordem em caos. Talvez fosse da família do diabo. Os seres diabólicos reconhecem-se sempre pelos pés, porque pisam a terra de outra maneira.

Estes pés, muito compridos e estreitos, de dedos delgados com unhas negras e deformadas, pareciam preênseis. O dedo gordo estava ligeiramente separado do resto, como um polegar. Os dedos mostravam-se densamente cobertos de pêlos negros. Onde é que já se viu uma coisa assim? O Papão e eu trocámos olhares.

No armário praticamente vazio encontrámos um fato cor de café, meio manchado, mas no fundo pouco usado. Nunca o vi com ele vestido. O Pé Grande andava sempre com *valenki*, botas de feltro russas, e umas calças coçadas, acompanhadas de uma camisa aos quadrados e de um colete acolchoado, independentemente da estação do ano.

Vestir o defunto era para mim semelhante a afagar alguém. Não me parece que ele tenha recebido em vida tanto afecto. Segurámos-lo delicadamente debaixo dos braços e enfiámos-lhe a roupa. O seu peso apoiava-se no meu peito e, após uma onda de repulsa natural, que me nauseou, ocorreu-me subitamente que poderia abraçar aquele corpo, dar-lhe pancadinhas nas costas e dizer-lhe em tom tranquilizador: «Não te preocupes. Vai correr tudo bem.» Por causa da presença do Papão, que poderia interpretar tal atitude como uma perversão minha, não foi isto que fiz.

Quando foram postos de lado, os gestos transformaram-se em pensamentos, e fiquei com pena do Pé Grande. Talvez a mãe o tenha abandonado e ele tenha sido infeliz toda a vida. Longos anos de infelicidade levam o Homem à degradação, mais do que uma doença fatal. Nunca vi visitas na casa dele, nunca lhe vi família nem amigos. Nem mesmo os colectores de cogumelos se detinham junto à sua casa para lhe falarem. As pessoas tinham medo dele, e não gostavam dele. Ao que parece, só se dava com caçadores, e ainda assim raramente. Quanto a mim, ele devia ter uns cinquenta anos e eu seria capaz de pagar para ver a sua oitava casa e verificar se Neptuno e Plutão não estariam aí ligados de alguma maneira, com Marte algures no Ascendente, porque ele, com a sua serra dentada nas mãos fibrosas, fazia-me lembrar um predador que apenas vive para semear a morte e infligir sofrimento.

De modo a vestir-lhe o casaco, o Papão ergueu-o para a posição de sentado e foi nessa altura que reparámos que, na sua boca, a língua grande e inchada continha algo. Então, após uns instantes de hesitação, rangendo os dentes de repulsa e recuando várias vezes a mão, consegui agarrar delicadamente entre os dedos uma pontinha de algo, que retirei e vi tratar-se de um ossinho comprido e estreito, cortante como um estilete. Da boca morta soltou-se um gargarejo gutural e ar, um silvo mudo, que se assemelhava muito a um suspiro. Demos os dois um salto para trás, afastando-nos do morto, e o Papão deve ter sentido o mesmo que eu: Terror. Principalmente porque daí a pouco apareceu, na boca do Pé Grande, um sangue vermelho-escuro, quase preto. Um fio agoirento que escorria para o exterior.

Ficámos paralisados, aterrorizados.

— Pois! — exclamou o Papão com voz trémula. — Engasgou-se. Sufocou por causa de um osso. O osso ficou-lhe entalado na garganta, a garganta ficou obstruída com um osso, morreu asfíxiado

– repetia nervosamente. E, depois, como quem tenta acalmar-se, acrescentou – Mãos à obra! Não é agradável, mas as obrigações face ao próximo nem sempre são agradáveis.

Percebi que ele se tinha autonomado chefe daquele turno da noite, e pus-me à sua disposição.

Entregámo-nos por completo à tarefa ingrata de enfiar o Pé Grande dentro do fato cor de café e de o colocar numa posição condigna. Há muito tempo que eu não tocava num corpo estranho, já para não falar de um corpo sem vida. Sentia que, a cada instante que passava, a imobilidade se apoderava dele e, a cada minuto, o corpo petrificava. Era por isso que tínhamos tanta pressa. E, quando o Pé Grande já estava deitado com o seu fatinho dominigueiro, o rosto perdeu por fim a expressão humana, tornando-se, sem qualquer sombra de dúvida, um cadáver. Somente o dedo indicador da mão direita recusava acatar a tradicional posição das mãos delicadamente entrelaçadas, apontando para o alto, como se assim quisesse chamar a nossa atenção e deter por instantes os nossos esforços, nervosos e apressados.

– E, agora, tende cuidado! – dizia aquele dedo. – Agora, tende cuidado, pois há uma coisa que não vedes, um ponto inicial e importante de um processo que se esconde de nós e é digno de toda a atenção. Graças a ele, todos nós nos encontramos neste lugar e neste tempo, numa pequena casa no Planalto, entre a neve e a Noite. Eu enquanto cadáver, vós enquanto Seres humanos, pouco importantes e envelhecidos. Mas isto é apenas o princípio. Só agora é que tudo vai começar a acontecer.

Ali ficámos, o Papão e eu, naquele compartimento frio e húmido, no gélido vazio que reinava naquela hora cinzenta da madrugada, e eu pensei comigo mesma que aquela coisa que abandonava o corpo

sugava um pedaço do mundo. Quer fosse boa ou má, culpada ou imaculada, deixava atrás de si um grande nada.

Olhei pela janela. O dia começava a clarear e, devagarinho, o vazio era preenchido por flocos de neve preguiçosos. Caíam sem pressa, abrindo caminho pelo ar e girando em torno do seu próprio eixo como penas.

O Pé Grande já partira; logo, era difícil nutrir por ele qualquer tipo de rancor ou ressentimento. Ficara um corpo, morto, enfiado num fato. Agora, parecia calmo e contente, como se o espírito se regozijasse por se ter finalmente libertado da matéria, e a matéria se regozijasse por se ter finalmente libertado do espírito. Durante aquele breve período de tempo, realizou-se um divórcio metafísico. Era o fim.

Sentámo-nos à porta aberta da cozinha e o Papão pegou na garrafa de vodca já encetada que estava em cima da mesa. Encontrou um cálice limpo e encheu-o, primeiramente para mim e, depois, para si. Através das janelas nevadas, a luz do dia entrava devagar, leitosa como as lâmpadas dos hospitais. Foi nesta luz que reparei que o Papão não estava barbeado, que a sua barba era tão grisalha como os meus cabelos, que o seu pijama desbotado e às riscas sobressaía, enrodilhado, debaixo da carneira, e que a carneira estava manchada com todo o tipo de nódoas possíveis.

Bebi um grande cálice de vodca, que me aqueceu por dentro.

— Acho que fizemos a nossa obrigação para com ele. Quem mais o poderia fazer? — dizia o Papão, mais para si do que para mim. — Era um pequeno pobre canalha, e daí?

Voltou a encher o seu cálice e bebeu-o de um trago. Depois, sacudiu-se de repulsa. Via-se que não estava habituado.

— Vou telefonar — disse ele, e saiu. Quis-me parecer que estava nauseado.

Levantei-me e comecei a observar aquela terrível desarrumação. Tinha esperança de ali encontrar algures o bilhete de identidade do Pé Grande, com a data do seu nascimento. Queria saber mais coisas e verificar as suas Contas.

Em cima da mesa, coberta com uma toalha de plástico desgastado, estava uma frigideira com pedaços ressequidos de carne de um Animal e, num tacho próximo, havia um caldo de beterraba coberto com uma camada branca de gordura. Estava ali ainda uma fatia de pão, cortada de uma baguete, e manteiga dentro do seu papel dourado. No chão, revestido de linóleo já deteriorado, estavam ainda espalhados vários restos de carne Animal que tinham caído no chão juntamente com o prato, tal como um copo e um pedaço de bolo; e, além disso, estava tudo pisado, espezinhado no chão imundo.

Foi então que vi no parapeito da janela, sobre uma taça de latão, algo que o meu cérebro só reconheceu passado um longo instante, por se recusar a aceitá-lo: era a cabeça cuidadosamente decepada de uma Corça. A seu lado, estavam as quatro patas. Aqueles olhos entreabertos deviam ter seguido atentamente os nossos preparativos ao longo de todo o tempo.

Oh, não! Era uma daquelas Senhoritas esfomeadas que, no Inverno, se deixam ingenuamente atrair por maçãs congeladas e que, capturadas nos laços das armadilhas, morriam em grande sofrimento, estranguladas com o arame.

Quando lentamente me consciencializei do que ali se tinha passado, segundo após segundo, fui assaltada pelo Horror. O Pé Grande devia ter capturado a Corça no laço, matando-a para depois esquarterjar o seu corpo, assá-la e comê-la. Um Ser comia outro, na calada da Noite, em silêncio. Ninguém protestara e não caíra nenhum raio. Mas o Castigo atingiu o diabo, embora a morte não tivesse sido obra de uma mão.

Rapidamente, com as mãos a tremer, recolhi os restos, pequenos ossinhos, que juntei num montinho e num só sítio para mais tarde enterrar. Encontrei um saco de plástico velho e aí coloquei os ossinhos, um após outro, como quem os deposita num sudário de plástico. E também coloquei cuidadosamente a cabeça da Corça dentro do saco de plástico.

Queria tanto saber a data de nascimento do Pé Grande, que comecei nervosamente a procurar o seu bilhete de identidade, no armário, entre papéis, folhas de calendários e de jornais, e, depois, nas gavetas, onde se costumam guardar os documentos nas casas da aldeia. E era precisamente aí que estava o seu documento de identificação, com a capa verde estragada e certamente já caducado. Na fotografia, o Pé Grande tinha vinte e tal anos, um rosto comprido, assimétrico, e os olhos semicerrados. Já naquela altura era feio. Com o resto de um lápis, anotei a data e o lugar de nascimento. O Pé Grande tinha nascido no dia 21 de Dezembro de 1950. Aqui.

E devia acrescentar que, naquela gaveta, encontrava-se ainda mais qualquer coisa: um molho de fotografias a cores, muito recentes. Passei-as rápida e maquinalmente em revista, mas uma delas chamou-me a atenção. Olhei-a mais de perto, e estava pres-tes a pô-la de lado. Durante muito tempo, não quis acreditar naquilo que via. De repente, instalou-se o silêncio e eu encontrei-me no seu preciso centro. Fiquei a olhar. O meu corpo contraiu-se; estava pronta para ir à luta. Tinha a cabeça às voltas e, nas orelhas, crescia-me um zumbido sombrio, um rumor, como se para além do horizonte se aproximasse um exército de milhares de homens, acompanhado de gritaria, do chocalhar das ferragens, da chiadeira das rodas, ao longe, muito longe. A Ira faz com que a mente se torne lúcida e aguda, e veja mais além. Apodera-se de outras emoções e domina o corpo. Não há dúvida de que toda a sabedoria nasce da Ira, porquanto a Ira é capaz de ultrapassar todos os limites.

Com as mãos a tremer, enfiei as fotografias no bolso e, logo a seguir, ouvi que tudo estava em marcha, prestes a avançar, que os motores do mundo se ligavam e a sua maquinaria se punha em movimento – a porta rangeu, um garfo caiu no chão. Os olhos encheram-se-me de lágrimas.

O Papão estava ali, à porta.

– Não merecia as tuas lágrimas.

Tinha os lábios cerrados e, concentrado, marcava um número.

– Continuo a apanhar o operador checo – exclamou. – Temos de subir a encosta até lá acima. Vens comigo?

Fechámos a porta em silêncio e pusemo-nos em marcha, abrindo caminho pela neve. Lá no alto, o Papão começou a girar em torno de si mesmo com dois telemóveis nas mãos, esticando os braços em busca de rede. Diante de nós espriava-se todo o Vale de Kłodzko, banhado pela luz prateada e acinzentada do amanhecer.

– Olá, filho – disse o Papão ao telefone. – Não te acordei, pois não?

Uma voz pouco nítida respondeu algo que não compreendi.

– Sabes, é que o nosso vizinho morreu. Acho que morreu asfixiado. Agora. Hoje à noite.

A voz do outro lado voltou a dizer algo.

– Não. É por isso que estou a telefonar agora. Não havia rede. Eu e a Sra. Duszejko já o vestimos, sabes, a minha vizinha – e aqui lançou-me um olhar fugaz, – para que não ficasse rígido...

E a voz ouviu-se outra vez, mas agora com mais nervosismo.

– De qualquer das maneiras, já está vestido com o fato...

Nessa altura, do outro lado, a voz começou a falar muito e depressa e, por isso, o Papão afastou o telefone do ouvido e olhou para ele desagrado.

Depois, telefonámos para a Polícia.

AUTISMO TESTOSTERÓNICO

*Cão que morre à Fome, servindo o Patrão,
anuncia a Derrocada da Nação.*

Estava-lhe agradecida por me ter convidado para tomar algo quente na casa dele. Sentia-me completamente de rastos, e entristeciame pensar que tinha de voltar à minha casa, fria e vazia.

Cumprimentei a Cadela do Pé Grande, que vivia na casa do Papão já há algumas horas. Conhecia-me e ficou visivelmente contente por me ver. Abanava a cauda e certamente já não se lembrava de que fugira de mim. Há Cães que são tolinhos, tal como as pessoas, e esta Cadela era seguramente um deles.

Sentámo-nos na cozinha, à mesa de madeira, tão limpa que se podia deitar a face nela. E foi o que fiz.

– Estás cansada? – perguntou-me.

Ali, tudo era claro e limpo, caloroso e acolhedor. Que grande felicidade é encontrar na vida uma cozinha limpa e quente. Isto a mim nunca me acontecia. Não era capaz de manter a ordem e o asseio à minha volta, e já me tinha conformado com isso. Paciência!

Antes de poder dar uma vista de olhos em redor, já tinha à minha frente, sobre uma base, um copo de chá, dentro de um lindo cestinho de metal com uma asinha. No açucareiro havia cubinhos de açúcar – esta visão fez-me lembrar os doces tempos da minha infância e, na verdade, melhorou a minha péssima disposição.

– Se calhar não devíamos ter mexido nele – disse o Papão, abrindo a gaveta para me dar uma colherzinha com que mexer o chá.

A Cadela enfiava-se-lhe entre as pernas, como se não quisesse deixá-lo afastar-se da órbita do seu corpo pequenino e magro.

– Vou cair por tua causa – exclamou o Papão, dirigindo-se à Cadela com uma ternura áspera.

Via-se que era o primeiro Cão da sua vida e que não sabia muito bem como se comportar.

– Que nome lhe vais dar? – perguntei, quando os primeiros goles de chá já me aqueciam por dentro e aquele novelo de emoções que trazia na garganta já se dissolvia.

O Papão encolheu os ombros.

– Não sei, talvez Mosca ou Bolinha.

Eu não disse nada, mas não gostei. Não eram nomes próprios que combinassem com a Cadela, tendo em conta a história da sua vida. Era preciso inventar algo para ela.

Que falta de imaginação – os nomes e os apelidos que usamos. Ninguém se lembra deles porque são banais, não condizem nada com as pessoas e também não as fazem lembrar. Além disso, cada geração tem as suas modas e, de repente, todas se chamam Małgorzata, todos se chamam Patryk ou – Deus nos livre – Janina. É por isso que me esforço por nunca usar nomes e apelidos, mas palavras que vêm espontaneamente à cabeça quando olhamos para alguém pela primeira vez. Estou convencida de que esta é a maneira mais apropriada de fazer uso da língua, em vez de empregar palavras desprovidas de significado. Por exemplo, o Papão chama-se Świerszczyński – é assim que está escrito na porta e, antes do apelido, tem um Ś, mas será que existe algum nome próprio começado por Ś? Apresentava-se sempre como Świerszczyński,

mas não creio que esperasse que destravássemos a língua para pronunciar o seu nome. Eu acho que cada um de nós vê o Outro à sua maneira; logo, tem o direito de lhe dar o nome que considerar mais adequado e conveniente. E assim teríamos vários nomes. Teríamos tantos nomes quantas as pessoas com quem estabelecêsemos relações. Eu dei a Świerszczyński o nome de Bicho-Papão, ou simplesmente Papão, e parece-me que este nome reflecte bem os seus Atributos.

Mas, agora, ao olhar para a Cadela, ocorreu-me um nome humano – Marysia. Talvez por causa do conto popular sobre a órfã Marysia, que também era pobre e escanzelada.

– Será que o nome dela não é mesmo Marysia? – indaguei.

– É possível – respondeu ele. – Sim, acho que sim. Ela chama-se Marysia.

De maneira semelhante, dei o nome ao Pé Grande. Não foi nada complicado, ocorreu-me assim que vi as suas pegadas na neve. No início, o Papão chamava-lhe Peludo, mas depois pediu-me emprestado Pé Grande, o que significa tão-só que foi um nome bem escolhido.

Infelizmente, não pude escolher para mim um nome decente. O nome que tenho escrito nos documentos é, quanto a mim, escandalosamente inadequado e lesivo – Janina. Acho que, em verdade, deveria chamar-me Emilia ou Joanna. Às vezes, parece-me que algo parecido com Irmtrud. Ou Bożygiewa. Ou Nawoja.

Por seu lado, o Papão evita chamar-me pelo nome, como quem foge do fogo. E isto também tem o seu significado. Conseguo sempre esquivar-se, tratando-me logo por tu.

– Esperas comigo, até chegarem? – perguntou.

– Claro! – Concordei de boa vontade, e dei-me conta de que não me atreveria a chamar-lhe Papão.

Sendo vizinhos muito próximos, não precisamos de nomes para nos dirigirmos um ao outro. Quando passo e o vejo a tirar as ervas daninhas do quintal, não preciso do nome dele para lhe falar. Trata-se de um tipo particular de familiaridade.

O nosso lugarejo não é mais que meia dúzia de casas situadas no Planalto, longe do resto do mundo. O Planalto é parente geológico afastado das Montanhas da Mesa, um remoto antepassado seu. Antes da guerra, a nossa terriola chamava-se Luftzug, ou seja, Corrente de Ar, ou Correnteza; hoje, resta apenas o nome coloquial escrito à polaca, Luftcug, já que não temos nome próprio oficial. No mapa, vêem-se apenas uma estrada e algumas casas, sem qualquer identificação. Aqui o vento não pára de soprar; as massas de ar circulam pelas montanhas de oeste para leste, desde a República Checa até nós. No Inverno, o vento torna-se violento e sibilante; uiva nas chaminés. No Inverno, dispersa-se por entre as folhas e sussurra de tal modo, que aqui nunca reina o silêncio. Há muita gente que tem dinheiro para manter duas casas: uma na cidade, para todo o ano, a oficial, e outra no campo, como se fosse uma coisa frívola e infantil. Aliás, as suas casas também têm um aspecto infantil – pequenas, atarracadas, com telhados íngremes e janelas diminutas. Foram todas construídas antes da guerra, e foram todas colocadas da mesma maneira: alçados largos virados para leste e oeste, um alçado estreito para sul e o outro, com o celeiro adjacente, para norte. Só a casa da Escritora é um pouco mais excêntrica, com terraços e varandas por todo o lado.

Não é de estranhar que as pessoas abandonem o Planalto no Inverno. É difícil viver aqui de Outubro a Abril – sei do que estou a falar. Todos os anos, caem aqui grandes nevões e o vento esculpe cuidadosamente na neve dunas e montículos. As últimas alterações

climáticas aqueceram tudo menos o Planalto. Pelo contrário, há mais neve em Fevereiro e dura mais do que era costume. O frio atinge, várias vezes por ano, temperaturas de vinte graus negativos e, na verdade, o Inverno só acaba em Abril. O caminho é mau, o frio e a neve destroem aquilo que a Junta de Freguesia tenta consertar com escassos meios. Para chegar à estrada alcatroada, é preciso andar quatro quilómetros por um caminho campestre cheio de sulcos; além disso, não há muitas razões que nos levem até lá, tanto mais que o autocarro para Kudowa, lá em baixo, parte de manhã e só volta à tarde. No Verão, quando as poucas crianças pálidas da terra estão de férias, os autocarros deixam mesmo de circular. Na aldeia, há uma estrada que a transforma, imperceptivelmente, como uma varinha mágica, em subúrbio da pequena vila. Se alguém quisesse, poderia ir por este caminho até Wrocław, ou até à República Checa. Mas há quem goste de tudo isto. Haveria aqui muitas Hipóteses para lançar, se quiséssemos brincar às investigações. A Psicologia e a Sociologia também poderiam indicar várias linhas de interpretação, mas este tema não me interessa mesmo nada.

Por exemplo, o Papão e eu fazemos face ao Inverno corajosamente. Aliás, esta expressão, «fazer face», é mesmo tola, porque nós, em verdade, esticamos militantemente a mandíbula inferior para a frente, tal como os homens que passam a vida na ponte da aldeia. Quando são provocados com alguma palavra menos lisonjeira, logo replicam em tom de desafio: «Que é isso? Que é isso?» Em certa medida, nós também provocamos o Inverno. Mas ele ignora-nos, tal como, aliás, o resto do mundo. Velhos excêntricos! *Hippies* pobretanas!

Aqui, o Inverno cobre tudo num abraço de algodão branco e encurta o dia o mais que pode, de tal modo que, se alguém fica

descuidadamente acordado pela noite fora, pode acordar somente ao Crepúsculo do dia seguinte, o que – sinceramente reconheço – me acontece cada vez mais desde o ano passado. O céu paira sobre nós escuro e baixo, como um ecrã sujo, onde se travam indómitas batalhas de nuvens. É para isso que servem as nossas casas, para nos protegerem deste céu que, de outro modo, se infiltraria até ao interior dos nossos corpos, onde, qual bolinha de cristal, a nossa Alma reside. Se é que tal coisa realmente existe.

Não sei o que o Papão faz durante todos esses meses escuros; não existe entre nós um contacto muito próximo, embora – não o escondo – eu esperasse algo mais. Vemo-nos uma vez apenas ao longo de muitos dias, e trocamos meia dúzia de palavras, ao cumprimentarmo-nos. Não nos mudámos para ali para combinarmos tomar um chá. O Papão comprou casa um ano após eu ter comprado a minha, e tudo indica que resolvera começar uma nova vida, tal como todos aqueles que já não têm ideias nem meios para continuar a anterior. Parece que trabalhou no circo, mas não sei se como contabilista ou acrobata. Prefiro pensar que era acrobata e, quando coxeia, imagino que, há muito tempo, nos belos anos 70, durante um número especial, aconteceu algo que fez com que não agarrasse a argola com a mão e caísse lá do alto no chão coberto de serradura. Mas, depois de reflectir um pouco mais, reconheço que a profissão de contabilista não é uma má profissão, e que o gosto pela ordem, próprio dos contabilistas, merece toda a minha admiração, aprovação e um respeito indizível. O gosto do Papão pela ordem é visível logo na entrada para a sua casa: a madeira para o Inverno está colocada em pilhas que lembram uma espiral. Daí resulta um montículo bem arrumado e proporcional. As suas pilhas de madeira podiam ser tratadas como obras de arte locais. É difícil resistir a uma bela ordem em espiral. Quando passo pela

casa dele, detenho-me sempre por instantes para admirar aquele trabalho colaborativo entre mãos e mente, que, numa coisa tão banal como madeira para a lareira, manifesta o mais perfeito dos movimentos do Universo.

O trilho que se estende diante da casa do Papão está coberto de uma camada regular de cascalho, e ficamos com a impressão de ser um cascalho especial, um conjunto de pedrinhas idênticas, escolhidas à mão nas pedreiras de cascalho, rochosas e subterrâneas, exploradas por duendes. Nas janelas da sua casa, estão pendurados cortinados limpos, sendo cada uma das pregas igual à outra; de certeza que usara um aparelho qualquer para obter aquele efeito. E também as flores do seu jardim estão limpas e ordenadas, apumadas e esbeltas, como se frequentassem um clube de *fitness*.

Agora, o Papão, ao servir-me o chá, agitava-se na cozinha, enquanto eu reparava nos copos alinhados no aparador, no pano impecável que cobria a máquina de costura. Com que então tinha até uma máquina de costura! Envergonhada, enfiei as mãos entre os joelhos. Há muito que não lhes prestava qualquer atenção. Pois, pelo menos, tenho a coragem de reconhecer que as minhas unhas estavam pura e simplesmente sujas.

Quando tirou uma colherzinha para o chá, desvendou-se por instantes uma gaveta da qual eu não era capaz de desviar o olhar. Era larga e pouco funda, como uma bandeja. No seu interior, os talheres e outros Utensílios necessários na cozinha estavam cuidadosamente separados em divisórias. Cada qual tinha o seu lugar, e eu nem sequer conhecia a maioria deles. Os dedos ossudos do Papão escolheram deliberadamente duas colherzinhas que, agora, repousavam nos guardanapos verde-água, colocados junto aos copos de chá. Infelizmente, tarde demais, porque eu já tinha bebido o chá.

Conversar com o Papão era difícil. Sendo um homem de poucas falas, não se podia conversar com ele, e por isso era melhor calarmo-nos. É difícil falar com algumas pessoas; a maior parte das vezes, com homens. Tenho uma Teoria sobre o assunto. Muitos homens, com a idade, caem num autismo testosterónico que se manifesta no lento desaparecimento da inteligência social e da capacidade de comunicar com outras pessoas, o que também afecta a faculdade de formular pensamento. Acometido por esta Maleita, o Homem torna-se taciturno e parece mergulhar em profunda meditação. Interessa-se mais por diversos Utensílios e maquinas. Sente-se mais atraído pela Segunda Guerra Mundial e pelas biografias de pessoas conhecidas, particularmente de políticos e malfeitores. A sua capacidade de ler romances desaparece quase completamente; o autismo testosterónico perturba o entendimento psicológico das personagens. Acho que o Papão sofria desta Maleita.

Porém, naquele dia, ao amanhecer, seria difícil exigir a quem quer que fosse qualquer eloquência. Estávamos completamente abatidos.

Por outro lado, eu sentia um grande alívio. Às vezes, quando nos pomos a pensar com uma visão mais alargada das coisas, sem levar em linha de conta certas Ligações Mentais, mas examinando as Contas das nossas acções, podemos aperceber-nos de que a vida de algumas pessoas não é boa para outras. Creio que, neste ponto, todos me darão razão.

Pedi-lhe outro copo de chá, só para o poder mexer com aquela colherzinha linda.

– Uma vez denunciei o Pé Grande à Polícia – disse eu.

O Papão parou por um instante de limpar o prato dos biscoitos.

– Por causa do cão? – perguntou.

– Sim. E por causa da caça furtiva. Também escrevi várias queixas contra ele.

– E o que aconteceu?

– Nada.

– Queres dizer que foi melhor ter morrido?

Ainda há pouco, antes do Natal, dirigi-me às autoridades locais para dar conhecimento do caso pessoalmente. Até aí, escrevera cartas. Nunca ninguém se dignara responder-lhes, embora exista a obrigação legal de responder aos cidadãos. A esquadra da Polícia era pequena e fazia lembrar as casinhas unifamiliares construídas durante os tempos dos comunas, com materiais de construção recolhidos aqui e ali, umas casinhas pobres e tristes. E era também esta a disposição que ali reinava. As paredes pintadas com tinta de esmalte estavam repletas de folhas de papel e todas elas se intitulavam AVISO, o que é, aliás, uma palavra horrível. A Polícia utiliza muitas palavras excepcionalmente repugnantes, tais como «cadáver» ou «concupino».

Naquele tabernáculo de Plutão, primeiro foi um jovem, sentado atrás de um separador de madeira, quem me quis despachar e, depois, foi um seu superior. Queria falar com o Comandante e resolvi teimar e esperar; também estava certa de que, por fim, ambos perderiam a paciência e me levariam até ele. Tive de esperar muito tempo, e receei que, entretanto, a loja fechasse sem eu ter feito as compras de que precisava. Por fim, caiu o Crepúsculo, o que significava que seriam umas quatro horas e que eu já estava à espera há mais de duas.

Finalmente, antes do encerramento do expediente, apareceu no corredor uma mulher nova que disse:

– Faça o favor de entrar.

Eu estava embrenhada nos meus pensamentos, e tinha de voltar a mim. Ordenei o que me ia na cabeça, enquanto seguia a mulher para uma audiência até ao primeiro andar, onde o chefe da Polícia local tinha o seu gabinete.

O Comandante era um homem obeso que parecia ser da minha idade, mas que se dirigia a mim como se eu fosse a sua mãe ou a sua avó. Olhou para mim de relance e disse:

– Sentai-vos, por favor.

E, presentindo que aquele plural desmascarara a sua proveniência aldeã, pigarreou e corrigiu:

– Faça o favor de se sentar.

Eu quase ouvia os seus pensamentos – chamava-me com toda a certeza «mulherzinha» e, quando o meu discurso denunciador ganhou força, passou a chamar-me «mulherona», «mulher tresloucada», «doida varrida». Eu estava consciente da aversão com que ele observava os meus gestos e da avaliação (negativa) do meu gosto. Não gostava nem do meu penteado, nem da minha roupa, e muito menos da minha falta de submissão.

Inspecionava o meu rosto com má vontade crescente. Mas eu também via muita coisa – que ele era apoplético, que bebia demais e que tinha um fraquinho por refeições gordurosas. Enquanto eu proferia o meu discurso, a sua cabeça grande e careca começou a ficar vermelha, o que se alastrou até à nuca e à ponta do nariz; e, nas faces, apareceram nitidamente emaranhados de veias dilatadas, como uma invulgar tatuagem de guerra. De certeza que estava habituado a mandar e a ser obedecido, e que era facilmente acometido de acessos de Ira. Era um tipo jupiteriano.

Também reparei que não percebia tudo o que eu lhe dizia – em primeiro lugar, pela simples razão de que eu usava argumentos que lhe eram desconhecidos e, depois, porque possuía um

vocabulário pobre e era o tipo de Homem que despreza aquilo que não é capaz de compreender.

– Há muitos Seres em perigo, humanos e não humanos – concluí assim a minha queixa contra o Pé Grande, durante a qual relatei tudo aquilo que observara, bem como as minhas suspeitas.

Não sabia se eu estava a gozar com ele ou se tinha diante de si uma tresloucada. Outras hipóteses, não as havia. A dada altura, vi o sangue subir-lhe à cara – era sem dúvida um tipo pícnico, daqueles que acabam por morrer de hemorragia cerebral.

– Não fazíamos ideia de que era caçador furtivo. Vamos tratar do assunto – disse entre dentes. – Faça o favor de voltar para casa e de não se preocupar mais com isso. Eu conheço-o.

– Muito bem – disse eu em tom conciliador.

E aí ele levantou-se, apoiando-se nas mãos, o que era um sinal nítido de que a audiência terminara.

Quando já se tem uma certa idade, é preciso conformar-se com o facto de as pessoas se mostrarem constantemente impacientes para connosco. Até aí, não me tinha dado conta da existência e do significado de certos gestos, tais como assentir rapidamente, desviar o olhar, repetir «sim», «sim» automaticamente, como um relógio. Ou, ainda, ver as horas, esfregar o nariz – agora, sim, compreendo bem todo este teatro para exprimir uma frase tão simples como: «Deixa-me em paz, velha tresloucada.» Às vezes, fico a pensar se, em vez de mim, a mesma coisa fosse dita por um homem novo, belo e bem constituído, seria ele tratado da mesma maneira que eu? E se fosse uma morena toda bem feitinha?

Certamente estava à espera de que eu me levantasse da cadeira e sáisse do gabinete. Mas eu tinha ainda uma coisa para lhe dizer, igualmente importante.

Numa remota aldeia polaca, a excêntrica Janina Duszejko, professora reformada, divide os seus dias a traduzir a poesia de William Blake e a observar os sinais da astrologia, fazendo por manter-se afastada das pessoas e próxima dos animais, cuja companhia prefere; mas a pacatez dos seus dias vê-se interrompida quando começam a aparecer mortos vários membros do clube de caça local. Certa de encontrar respostas, Janina decide lançar-se na investigação do caso, chegando a uma estranha teoria que espalhará o terror pela comunidade.

Sob a máscara de policial *noir* ou fábula macabra, *Conduz o Teu Arado sobre os Ossos dos Mortos* é um romance mordaz e desconcertante que questiona a nossa posição acerca dos direitos dos animais e responsabilidade sobre a natureza, bem como todas as ideias preconcebidas sobre a loucura, a justiça e a tradição.

«Podia ser uma versão do filme *Fargo*, reescrita por Thomas Mann.»

The Telegraph

«Uma surpreendente junção de *thriller*, comédia e tratado político, escrito por uma autora que combina um intelecto extraordinário com uma sensibilidade anárquica.»

The Guardian

ISBN 978-989-668-667-3
9 789896 686673



cavalo de ferro